



## A RELIGIÃO NO CONTEXTO DA PANDEMIA DE CORONAVÍRUS EM MOÇAMBIQUE: desafios e oportunidades

Chapane Mutua

*Centro de Estudos Africanos, Universidade Eduardo Mondlane (UEM), Moçambique*

**A ser publicado na:** Rev. cient. UEM: Sér. ciênc. bioméd. saúde pública - ISBN 2307-3896

**Data de submissão:** 30/11/2020

**Data de aceitação:** 16/04/2021

**Data de publicação:** xx/xx/xxxx

**Como citar este artigo:** Mutua, C. A religião no contexto da pandemia de coronavírus em Moçambique: desafios e oportunidades. **Rev. cient. UEM: Sér. ciênc. bioméd. saúde pública. Pre-print**, 2021.

Este é um arquivo PDF de um artigo que sofreu aprimoramentos após a aceitação, como a adição da página de rosto, metadados e a formatação para facilitar a leitura, mas ainda não é a versão definitiva. Esta versão passará por revisão e edição de texto adicionais antes de ser publicada no seu formato final. Esta versão foi disponibilizada para fornecer visibilidade antecipada ao artigo. Observe que, durante o processo de produção editorial, podem ser descobertos erros que podem afetar o conteúdo.

Artigo de revisão

## A RELIGIÃO NO CONTEXTO DA PANDEMIA DE CORONAVÍRUS EM MOÇAMBIQUE: desafios e oportunidades

Chapane Mutiua

*Centro de Estudos Africanos, Universidade Eduardo Mondlane (UEM), Moçambique*

**RESUMO:** O presente artigo analisa o papel da religião no contexto da pandemia de COVID-19 em Moçambique, procurando mapear seus desafios e oportunidades. Com recurso à revisão de literatura e observações no terreno realizadas por informantes, argumenta-se que a pandemia de COVID-19, por um lado, criou limitações importantes no exercício das actividades religiosas devido ao encerramento dos espaços de cultos colectivos gerando, para algumas instituições religiosas, problemas de ordem financeira devido a interrupção da colecta de dízimos, e, por outro, abriu oportunidades para o seu envolvimento em acções de solidariedade na procura de minimizar o impacto de COVID-19 na sociedade moçambicana. Conclui-se que, por um lado, os grandes desafios que a religião pode impor à sociedade neste período de pandemia se situam na primazia da prosperidade, material baseada em “falsas profecias” pregadas por algumas igrejas pentecostais e na possibilidade de se gerar atitudes e comportamentos de fanatismo religioso através de discursos religiosos que colam a causa da pandemia ao pecado; e, por outro, que maior parte dos rituais praticados nos locais de cultos em Moçambique e em várias partes do mundo, tais como a transe, o sermão, o canto, a hóstia e comunhão, as recitações em voz alta assim como as condições dos edifícios onde ocorrem os cultos tornam as instituições religiosas um dos grandes propagadores do vírus causador de COVID-19.

**Palavras-chaves:** Coronavírus, desafios, oportunidades, religião.

### Religion in the context of coronavirus pandemic in Mozambique: challenges and opportunities

**ABSTRACT:** The present paper analyses the role of religion in the context of the COVID-19 pandemic situation in Mozambique by mapping the challenges and opportunities it creates in the society. Through the review of literature and observations made by key-informants, we argue that the COVID-19 pandemic, on the one side, created important limitations on the religious activities due to the closing of the places of worships. By doing this (closing the sites of collective cults) it created to the religious institution financial problems due to the interruption of collecting the tithes. On the other side, the pandemic situation opened opportunities for the involvement of the religious institutions in campaigns of solidarity that aim to minimize the impact of the COVID-19 in the Mozambican society. We conclude that, on the one side, the great challenges that religion can impose on the society during this pandemic era are situated on the primacy of material prosperity that is based on “false prophecies” preached by some Pentecostal churches; and, on the possibility of generating attitudes and behaviours of religious fanaticism as the consequence of the religious discourses that attach the causes of coronavirus on the idea of sin. And on the other hand, the challenges may be situated on the fact that most of the rituals performed in the places of worship in Mozambique and in many other countries of the world (such as trance, sermon, chanting, wafer, and holy communion, the loud recitations), as well as the environmental conditions of the places of worship situate the religious institutions in the top list of the super-spreaders of COVID-19.

**Keywords:** Coronavirus, challenges, opportunities, religion.

---

Correspondência para: (correspondence to:) [mutiua@yahoo.com.br](mailto:mutiua@yahoo.com.br)

## INTRODUÇÃO

A religião, na sua concepção mais ampla, é definida como “um conjunto de crenças e comportamentos acerca de uma visão partilhada sobre o mundo que separa o sagrado ou sobrenatural do profano” (CHUNG, 2018, p. 486). Esta concepção desenhada a partir das teorias behaviorista e psicossocial enfatiza a capacidade que o fenómeno religioso tem de

promover consensos e aceitabilidades de determinadas visões ou factos socialmente concebidos.

O modelo da religião baseado no conhecimento institucional que é construído a partir da experiência desse pressuposto teórico, veio enfatizar as habilidades comunicativas e da linguagem religiosa para gerar mundos alternativos independentes de factos empíricos imediatos, o que torna a crença religiosa e os modelos de conhecimento que suportam as demais instituições no geral semelhantes (WOOD e SHAVER, 2018, p. 1). Este modelo, do conhecimento institucional, chama a nossa atenção em relação à capacidade humana de criar mundos e ‘realidades’ imaginárias que através de crenças religiosas são socialmente aceites como verdadeiros e reificadas através de rituais e comportamentos (WOOD e SHAVER, 2018, p. 1). Tal capacidade permitiu à religião reinventar-se no mundo moderno face às tendências reducionistas da concepção modernista e pós-modernista do Estado por via da laicidade e secularismo. Por via dessa resiliência, a religião surge nos séculos XX e XXI como um dos fenómenos sociais que mais cresce e como uma das instituições que mais influências exerce no espaço público, realçando a importância da interação entre o campo religioso e o campo social, seja sob o ponto de vista local ou universal (CRUZ E SILVA, 2014, p. 428). A partir desta perspectiva, em contextos como o que se vive hoje, da pandemia de COVID-19, não se pode ignorar o papel da religião como um factor que pode influenciar a busca de soluções, mas também como elemento potencialmente desafiador ao esforço de encontrar essas soluções. Pois, por um lado, o discurso religioso é um dos maiores instrumentos de motivação, persuasão e mobilização de acções individuais e colectivas, e, por outro, a religião quando em conflito com o poder político pode se transformar numa poderosa fonte de resistência, rebelião e revolução contra o poder dominante (URBAN, 2005, p. 7253). Com recurso à revisão de literatura, fundamentalmente, de jornais e revistas electrónicas, sítios especializados, palestras de líderes religiosos, reportagens disponíveis em canais de *Facebook* e *YouTube*, e observação de informantes (em Mesquitas e Igrejas), este artigo procura explorar as oportunidades e desafios que a religião enfrenta ou pode gerar na sua relação com a sociedade no contexto da pandemia da COVID-19.

Pode-se apontar como possível fraqueza deste trabalho a impossibilidade de fazer um trabalho de campo que permitisse observar *in loco* as acções levadas a cabo pelas lideranças e instituições religiosas, colher entrevistas e confrontar com as informações disponíveis nas fontes acima referidas.

## RESULTADOS

### COVID-19 E RELIGIÃO: experiências globais

Desde que a pandemia da COVID-19 eclodiu em Dezembro de 2019, na cidade industrial de Wuhan, na China, o mundo assistiu ao cancelamento de eventos religiosos, de importâncias que variam desde o local ao global. Em Abril, o vaticano decidiu fechar ao público as celebrações da semana santa para evitar a habitual aglomeração de peregrinos oriundos de várias partes do mundo (BURKE, 2020, p. 1). Os muçulmanos de todo mundo celebraram o sagrado mês de Ramadan longe das mesquitas e sem a convivência social que caracteriza o jejum e a festa do *Eid el-fitr*, enquanto isso, as orações nas mesquitas incluindo a de *Jumma* (sexta-feira) foram canceladas (MACHADO, 2020).

A Arábia Saudita, o maior centro de peregrinação muçulmana, cancelou as celebrações do *Umrah* (uma versão mais curta do *Hajj*), fechou o acesso ao *al-Kaaba* (pedra sagrada) em Meca e a mesquita do Profeta em Medina (HANNAH, 2020), enquanto que para o próprio *Hajj* - um dos maiores eventos religiosos do mundo que faz parte dos cinco pilares da fé muçulmana, consistindo na peregrinação às cidades de Meca e Medina – em 2019 ficou limitado aos crentes

residentes dentro do território da Arábia Saudita apenas. Porém, as celebrações do *Eid al-adha* que marcam o encerramento do *Hajj* tiveram lugar em todas as comunidades muçulmanas do mundo de forma diferenciadas, variando entre a realização da oração em família apenas (EUA e Iraque, especificamente a cidade de Bagdad), a implementação de distanciamento físico e social nas mesquitas (algumas cidades do Reino Unido e Alemanha) e o uso máscaras (Indonésia e Índia) (JAVED, 2020; KHAN, 2020; ASSOCIATE PRESS, 2020). Considerados partes importantes deste ritual, o aperto de mãos e a troca de abraços, não foram evitados na maioria dos casos em que o *eid* foi celebrado publicamente, o que dessa forma viola, consciente ou inconscientemente, os protocolos estabelecidos globalmente no contexto do combate a pandemia da COVID-19.

Com o encerramento dos locais de cultos, mencionado anteriormente, algumas instituições religiosas encontraram outras formas de fazer chegar a sua solidariedade àqueles que precisam. Nos Estados Unidos, por exemplo, diversas comunidades religiosas implantaram hospitais de emergência e criaram programas de entrega de alimentos e apoio a pequenas empresas. É o caso da Bolsa do Samaritano, organização religiosa humanitária que instalou hospitais de campanha em Nova York e Milão (SHAREAMERICA, 2020). Impulsionados pela doação de *el-Fitr*, realizada no mês de Ramadan, muçulmanos americanos prestaram serviços de voluntariado em hospitais para tratar de doentes de COVID-19 enquanto a Fundação Zakat da América doou milhares de luvas para exames médicos em hospitais de Chicago (SHAREAMERICA, 2020). Por seu turno, a Hope International, instituição de caridade cristã, criou um fundo com o qual está ajudando pequenas empresas na América Latina, Europa Oriental, África e Ásia.

No entanto, contrariando estas medidas abonatórias à luta global contra o COVID-19, eventos ligados a instituições religiosas (por exemplo grupos de canto coral e alguns rituais religiosos) ficaram classificadas no top 3 entre os chamados ‘super-spreaders’ juntamente com reuniões familiares alargadas (HARIDY, 2020; KIM e DALRYMPLE, 2020). Com efeito, na história da pandemia várias instituições religiosas foram consideradas como epicentros das maiores infeções massivas em países como a Coreia do Sul, França, Alemanha, África do Sul e Estados Unidos da América. No caso da Coreia do Sul, a Igreja Shincheonji na cidade de Daegu foi apontada como o maior epicentro da contaminação pelo COVID-19 no país, através de uma cerimónia religiosa havida em Fevereiro (FARIA, 2020). No Irão o maior foco de infeções foi a cidade santa de Qom, onde apesar do avanço da pandemia os locais santos permaneciam abertos a visitas de peregrinos que ignoraram as medidas de prevenção, lambendo e beijando os sítios sagrados (GUIMARÃES, 2020).

Na França, uma cerimónia religiosa havida em Fevereiro na Igreja Pentecostal Porta do Sol Cristã, na localidade de Haut-Rhin, Alsácia, foi considerada o maior foco de infeção com 587 casos positivos entre seus participantes (FERNANDES, 2020). Na Alemanha, em Maio, a cidade de Frankfurt teve também como principal foco de contágio uma cerimónia religiosa que registou 40 pessoas infectadas entre seus participantes (AGÊNCIA LUSA, 2020). Nos Estados Unidos várias igrejas foram apontadas como principais focos de propagação comunitária do novo coronavírus, sendo os exemplos mais ilustrados os estados de Arkansas, Texas e Virgínia (PORTERFIELD, 2020).

Na vizinha África do Sul, foi também um evento religioso, a ‘diplomacia espiritual’ do movimento sionista que se tornou o maior foco de contaminação de COVID-19 no país (DADOO, 2020). Pesquisas especializadas apontam como principais motivos que tornam as cerimónias religiosas em eventos ‘super-spreaders’ como sendo as componentes quase imprescindíveis tais como o canto, o aperto de mãos, os abraços e o próprio acto de oração. O canto e a oração com a projecção de voz facilita o espalhar de gotículas ao ar e às superfícies que por via da aspiração e do toque de mãos propaga o vírus (KIM e DALRYMPLE, 2020; HERNANDEZ e SLAYDON, 2020).

## COVID-19 e religião: experiências de Moçambique

A sociedade moçambicana tem vivido uma nova realidade religiosa desde os princípios dos anos 1990 com um crescimento acelerado do número de locais de cultos, mas também de novas instituições e/ou organizações religiosas. Um dado concreto que reflecte esta transformação é espelhado pelo último censo populacional (2017) que entre várias mudanças na estrutura demográfica religiosa se destaca o decréscimo da população católica de 28,8% em 2007 para 27,2% em 2017, o crescimento do peso das populações muçulmanas e evangélicas de 17,9% a 18,9% e 10,9% a 15,3% de 2007 a 2017, respectivamente, e o decréscimo dos não religiosos de 18,7% a 13,9% no mesmo período (INE, 2019). Estes dados enfatizam a crescente preponderância do fenómeno religioso nas sociedades moçambique (decrécimo da população não religiosa) e das igrejas evangélicas onde se incluem as igrejas pentecostais e neopentecostais que têm desempenhado papel muito activo na migração religiosa fundamentada, sobretudo, na procura da cura e da prosperidade (ALMEIDA e MONTEIRO, 2001).

Desde que se registou o primeiro caso positivo de COVID-19 em Moçambique, em Março de 2020, até a data não houve indicações de existência de contaminação associada a cerimónias religiosas. A rápida reacção das autoridades governamentais e sanitárias nacionais na declaração do estado de emergência assim como o seu cumprimento por parte de maior parte das principais instituições religiosas pode ter concorrido para este feito. Com efeito, grande parte das instituições religiosas nacionais, à imagem do que vem acontecendo pelo mundo fora, cancelaram quase todas as cerimónias religiosas abertas ao público.

No entanto, na abordagem ao cumprimento, pelas instituições religiosas, das medidas emanadas pelo estado de emergência decretado pelo presidente da república a 30 de Março de 2020 e renovado por três vezes impunham precauções redobradas pelo facto de existir muitas congregações religiosas sem registo oficial e que operam em regiões recônditas e subúrbios das grandes cidades que por razões de vária ordem podem violar tal decreto. Num artigo publicado por Luciano da Conceição a 27 de Março de 2020 para a DW-Made for Minds alertava, por exemplo, sobre o facto de algumas instituições religiosas na província de Inhambane (entre elas, algumas mesquitas e igrejas protestantes) continuarem a realizar cerimónias e rituais religiosos com grandes aglomerações de crentes e sem cumprir as medidas de segurança sanitárias exigidas no âmbito da pandemia de COVID-19 (CONCEIÇÃO, 2020). Em Julho de 2020, num período em que a propagação da pandemia regista números cada vez maiores, a Polícia da República de Moçambique (PRM) surpreendeu crentes muçulmanos em orações colectivas em mesquitas na cidade de Nampula, enquanto na cidade da Beira, alunas e professores do Centro Islâmico para Estudos e Formação estavam em plenas actividades de leccionação quando as autoridades policiais se fizeram ao local e segundo informou Dércio Chacate, porta-voz da PRM, as aulas naquela instituição já vinham funcionando havia uma semana (JORNAL NOTÍCIAS, 23 de Julho de 2020). No caso do Centro Islâmico para Estudos e Formação, o Tribunal Judicial da Cidade da Beira julgou culpado o proprietário da instituição que foi condenado a uma pena de 15 dias de reclusão.

Um outro exemplo é reportado por Bernardo Jaquete em Manica, onde vários líderes religiosos foram detidos pelas autoridades policiais por organizarem rituais religiosos violando as medidas de emergência. Tais rituais foram organizados em lugares recônditos (no cume da montanha Cabeça do Velho) e reuniam mais de 100 pessoas (JAQUETA, 2020).

Enquanto algumas instituições religiosas se destacam pelo mau exemplo há aquelas que, no terreno, encontram oportunidades para apoiar a sociedade incentivando o cumprimento das medidas de emergência e aliviando os efeitos nefastos da pandemia. Nas províncias do centro e norte do país (Sofala, Quelimane, Nampula, Cabo Delgado e Niassa), a Comunidade Islâmica

de Moçambique (CIMO) tem levado a cabo uma campanha de angariação de produtos alimentares para posterior distribuição aos mais necessitados (CIMO – Página de Facebook).

No passado dia 12 de Junho, o Conselho Islâmico de Moçambique (CISLAMO) em parceria com a organização não governamental Visão Mundial, lançaram uma campanha de sensibilização e educação sobre COVID-19 através de mesquitas locais e bairros das cidades de Maputo e Matola, numa primeira fase, estendendo-se posteriormente às províncias de Gaza, Tete, Zambézia e Nampula. Este programa visa essencialmente aproveitar as infraestruturas das mesquitas e usá-las como centros de disseminação de mensagens de prevenção do novo coronavírus beneficiando toda a sociedade vizinha independentemente do seu credo religioso (JORNAL NOTÍCIAS, 12 de Junho de 2020).

Há também a destacar que desde que o Presidente da República autorizou a realização dos cultos religiosos, em Agosto de 2020, registou-se um aumento nas doações feitas ao Ministério de Saúde (MISAU) no âmbito do combate ao COVID-19. No entanto, e de acordo com os relatórios do MISAU, tais doações foram feitas por apenas três instituições: Africa Muslim Agency, Comunidade Hindu de Maputo e Igreja de Jesus Cristo dos Santos (MISAU, 2020).

### **COVID-19: entre a fé religiosa e a racionalidade médico-sanitária, o grande desafio**

Num momento em que a velocidade de propagação do novo coronavírus em Moçambique aumenta o governo abriu a possibilidade de autorizar a abertura dos locais de culto colectivo. Esta medida resulta de encontros havidos entre o Presidente da República e representantes de instituições religiosas, sociedade civil e partidos políticos. O argumento que justificou este posicionamento de acordo com a Ministra da Justiça, Assuntos Constitucionais e Religiosos (MJCR) é a necessidade de haver um tratamento igual às instituições religiosas a imagem das outras actividades em que já houve relaxamento (JOSÉ, 2020).

No entanto, e como fica evidente a partir dos factos descritos acima, a pandemia causada pela infecção do novo coronavírus tem um impacto bifacial nas instituições religiosas. Por um lado, representa um desafio multifacetado causado pela já mencionada necessidade de encerrar os cultos presenciais com aglomerados de crentes. Mas ao mesmo tempo, tal desafio pode abrir oportunidades a novas formas do exercício da fé e a consolidação de outras (tais como cultos *online* e pela televisão ou rádio).

Um dos grandes desafios ao governo, às autoridades religiosas e à sociedade moçambicana no geral é responder a seguinte pergunta: como se pode reabrir os locais de culto (considerados ‘super-spreaders’) num momento em que a curva de propagação sobe a uma grande velocidade?

Talvez se tenha procurado responder esta pergunta com as condições propostas pelo MJCR através da nota número 615/MJCR/DNAR/900/2020 de 22 de Julho de 2020 que se resumem em observar o distanciamento de 1,5 metros entre os crentes; limitação do número de participantes, do número de cultos diários e do tempo por culto; encerramento das bibliotecas; interdição de grupos corais; monitoria das medidas adoptadas pelas próprias instituições religiosas; uso obrigatório de viseiras para quem dirige os cultos; e fiscalização do cumprimento das medidas pelo MJCR. No entanto, algumas destas medidas podem gerar discussões em volta de igualdade/desigualdade entre as diferentes confissões religiosas enquanto outras podem se tornar falaciosas por serem quase incomportáveis para várias dessas confissões.

No caso de desigualdades, por exemplo, o número 8 da nota estabelece 1 hora como tempo limite de estadia do crente no estabelecimento de culto, mas o número 5 do mesmo documento atribui 15 minutos como tempo máximo de estadia do crente na mesquita. Apesar dos 15 minutos serem suficientes para fazer o *salat* o facto de haver abertura para ficar até 1 hora pode gerar conflitos de interesses. Por outro lado, 1 hora pode ser tempo exagerado no actual contexto, porque apesar da nota recomendar que os cultos sejam feitos em lugares abertos

muitos dos estabelecimentos de cultos são fechados e sem ventilação suficiente. Outra medida de difícil enquadramento na realidade dos locais de culto é a exigência de usar portas diferentes para entrar e sair quando muitos desses edifícios só dispõem de uma única porta.

Há também a salientar o facto de que grande parte das igrejas pentecostais que operam no país têm a transe como uma componente importante dos seus cultos. As manifestações que se realizam durante o processo de transe pela sua natureza anárquica têm o potencial de romper com todos os protocolos de higiene e distanciamento social dentro dos estabelecimentos de cultos.

Por outro lado, no meio entre os desafios e as oportunidades que este contexto traz às instituições religiosas se situa a capacidade do equilíbrio entre a fé religiosa - que em tempos de crises e pânico pode facilmente transitar para o fanatismo religioso e a racionalidade médico-sanitária necessária para fazer face a pandemia. Tal desequilíbrio entre a fé religiosa e a racionalidade médico-sanitária no contexto da COVID-19 é causado por duas razões fundamentais: a primeira está relacionada com o facto de haver um grande número de igrejas pentecostais, cujas doutrinas estão orientadas para a prosperidade através da libertação das doenças espirituais, biológicas e sociais (MAXWELL, 1998, p. 352-354; ANDERSON, 1999, p. 287-288). Com muita influência sobre a maioria das populações mais desfavorecidas, principalmente nas zonas centro e sul do país, estas igrejas “vendem” serviços de cura constituindo-se alternativas aos hospitais. A segunda razão que concorre para o desequilíbrio ora mencionado está centrada nos discursos de algumas lideranças religiosas. Tais discursos, muitas vezes em consonância com o primeiro factor mencionado acima (prosperidade e cura), são aparentemente baseados em pressupostos religiosos e por isso facilmente seguidos pelos crentes das instituições que os defendam podem não só comprometer a luta contra a pandemia mas também incentivar o crescimento de estigma relacionado ao COVID-19 (MAÚNGUE, 2020, sobre estigma relacionado a COVID-19). É nesta linha que se enquadram os pronunciamentos do pastor Pedro Aleixo que num programa da Fred Jossias Show, difundido em canais de Youtube e Facebook, disse que Deus havia informado a Kacou Phillippe, profeta de sua igreja, que o remédio do coronavírus se circunscrevia ao abandono do pecado que o teria criado. Seguindo a mesma linha, o profeta Nelson Feliciano Mascarenhas declarou na sua conta oficial de Facebook e num programa da Fred Jossias Show que tem a cura para a doença causada pelo novo coronavírus e desafiou o governo a lhe oferecer oportunidades para testar cientificamente o seu medicamento. Mascarenhas foi ainda mais longe exigindo que decapitassem sua cabeça ou o colocassem numa prisão perpétua caso seu medicamento não funcionasse. Por seu turno, Onório Cutane, um dos profetas com mais seguidores em Moçambique afirmara ainda em Março, através de um vídeo muito partilhado nas redes sociais que o coronavírus havia sido derrotado por completo de modo que os crentes não deveriam se preocupar ([youtube.com/watch?v=oU\\_TJ2FcQp0&t=68s](https://www.youtube.com/watch?v=oU_TJ2FcQp0&t=68s)). Entretanto, Cutane viria a mudar de discurso depois de ouvido na Procuradoria Geral da República (PGR).

Os discursos desafiantes às normas estabelecidas por lei não vêm apenas das igrejas evangélicas e pentecostais mencionadas acima. Pois, Maulana Takdir Abdula, um líder muçulmano bastante conceituado em Moçambique, em seu discurso numa palestra havida na mesquita al-Hidaia da Machava esteve alinhado com a ideia de que a pandemia resulta de pecados cometidos e que a sua cura passava por parar de cometer tais pecados entre eles o adultério, sexo exposto e o incumprimento ao *zakat*. Takdir Abudula sublinhou ainda que este castigo vinha provar que aquilo que vem consagrado no Islam como regras de higiene que eram ignoradas pelos muçulmanos e não muçulmanos (por exemplo, lavar as mãos depois e antes de comer e usar sanitários, tapar a boca e o nariz com o braço dobrado ao tossir ou espirrar) são para serem seguidas por todos. No sentido inverso, Sheikh Umar Aiúba tem recomendado em suas palestras difundidas na rede social Facebook da necessidade de seguir rigorosamente as

medidas de prevenção impostas pelas autoridades sanitárias nacionais e em paralelo fazer *duás* (orações) que ajudem a proteger a humanidade das pandemias, pois estes *duás* existem porque as pandemias também sempre existiram. Discurso similar ao sheikh Umar Aiúba foi proferido pelo Secretário Geral do Conselho Cristão de Moçambique que exortou aos fiéis a se deslocarem aos postos de saúde e a evitarem curandeiros e profetas no caso de sentirem sintomas de COVID-19 (LUSA, 9 de Julho de 2020).

Os discursos e práticas acima apresentados ilustram o quão desafiante pode ser o cenário proposto no encontro recente entre o Presidente da República e os líderes religiosos e refletido no relatório submetido ao parlamento pelo chefe de estado sobre o fim dos 120 dias do estado de emergência que vigorou de Abril a Julho do presente ano, no sentido de se reabrir os locais de cultos sob a condição do cumprimento das regras de higiene e todas as medidas de prevenção emanadas pelos decretos presidencial nº 11/2020 de 30 de Março e o do Conselho de Ministros nº 51/2020 de 1 de Julho. A posição do governo moçambicano neste processo de diálogo com as instituições religiosas refletida nos documentos acima citados (do MJCR e relatório do Chefe do Estado) mostra vontade de evitar uma situação de conflito com um “poder” que apesar de independente a luz da constituição da república tem se mostrado um aliado do estado e da sociedade em diversos momentos de dificuldades e necessidades. No entanto, falta da parte do governo usar dessas boas relações existentes com as instituições religiosas para aproveitar a capacidade mobilizadora da religião em prol da luta contra a pandemia da COVID-19, fazendo disso oportunidade de rever a sua relação com a sociedade. Uma dessas oportunidades é a aposta numa das principais componentes da religião que se tem deteriorado nos últimos tempos, a solidariedade. Tal como acima descrevemos a partir de exemplos globais e locais, este seria o momento das igrejas abrirem suas portas para apoiar os esforços visando o combate a pandemia, servindo como centros de rastreio comunitário ou hospitais de campanha. Para as igrejas evangélicas que para além das actividades de fórum religioso pouco têm feito no âmbito da responsabilidade social (ex. apoio as escolas e serviços de saúde), esta é uma oportunidade para canalizarem os seus esforços nessa área de saúde sem descurar as responsabilidades espirituais. Tal como afirmou o pastor americano Remus Wright da Igreja de Fountain of Praise, “o maior e mais importante edifício da igreja são as vidas dos crentes” e é isso que se deve procurar preservar (HERNANDEZ e SLAYDON, 2020).

As instituições religiosas moçambicanas têm também a oportunidade de usarem a reconhecida capacidade de angariação de apoios e canalizar para os mais necessitados, como algumas já o fizeram no passado e outras fazem-no agora. Apesar das limitações que os meios tecnológicos podem representar para uma grande parte dos crentes, esta é também uma oportunidade para olhar para os cultos em família e em domicílio que, segundo o Reverendo Hermínio Guifutela, da Igreja Metodista Unida de Moçambique, “beneficiam não só a igreja mas sobretudo a família que encontra um momento ímpar para estar e falar com Deus”. Para além dos cultos domésticos, pode-se ainda fazer os cultos online, televisionados e radiofónicos como forma de suprir a demanda aos serviços espirituais próprios de momentos de crises como a que assola o mundo.

Assim, a reabertura dos locais de culto se afigura inoportuna porque para além de se ter provado o seu papel de ‘super-spreaders’ do novo coronavírus, no contexto moçambicano as medidas propostas pelo MJCR são de difícil cumprimento e fiscalização. Aliás, há que evitar os exemplos indesejados como os do Brasil onde dezenas de pastores da igreja Assembleia de Deus e outra dezena de padres católicos perderam a vida vítimas de COVID-19 depois de reabrir os locais de culto com o aval do presidente Jair Bolsonaro (BATISTA, 2020), ou do Texas, Estados Unidos, onde uma igreja local fechou pela segunda vez quando um sacerdote morreu também ele vítima de COVID-19 duas semanas após o retorno aos cultos públicos quando o Estado aliviou o confinamento (POTERFIELD, 2020). Nesta perspectiva, importa



valorizar uma expressão comum a cristãos e muçulmanos segundo a qual Deus precisa que as pessoas estejam saudáveis para que o possam adorar.

Por outro lado, apesar das prévias inspecções realizadas aos estabelecimentos de culto pelas equipas conjuntas do MISAU e do MJCR para avaliar os espaços com condições de retorno aos eventos públicos (LISBOA, 2020), tem faltado o devido acompanhamento ou esse acompanhamento não tem sido reportado. Como era de prever, continua se registando em algumas partes do país cultos realizados sem cumprimento de qualquer uma das medidas emanadas pelo decreto presidencial. Um exemplo reportado por um dos informantes e documentado com vídeos e fotografias registou-se no presente mês de Novembro, na oração de sexta-feira na mesquita de Namaíta, distrito de Rapale, província de Nampula.

Entretanto, a falta de relatórios ou acompanhamentos nos eventos religiosos, seja pelas autoridades sanitárias assim como da fiscalização do MJCR torna difícil avaliar a possível ocorrência de casos de infecção que tenham como epicentro os eventos religiosos. Tal facto também não permite uma real avaliação do impacto da reabertura dos locais de culto. Aliás, apesar de em quase todo o mundo, e por via de estudos especializados como nos referimos acima, ter se provado que as cerimónias religiosas se encontram entre os top 3 “super-propagadores” do vírus causador da COVID-19, os diversos inquéritos sero-epidemiológicos realizados no país nenhum deles teve o cuidado de olhar os locais de cultos (MISAU, 2020).

## CONCLUSÕES

Tal como a discussão sobre o conceito de religião que trazemos na introdução deste artigo ilustra, a fé e a crença religiosas têm um elevado potencial de transformar factos e discursos não empíricos em verdades consensualizadas e indiscutíveis nas comunidades de crentes. A partir dessa perspectiva, a ‘utopia’ da cura através dos milagres promovidos por algumas instituições religiosas passou a arrastar muitas multidões para os templos desviando-os das instituições hospitalares. No entanto, e como ilustramos nas secções anteriores, em tempos da pandemia de COVID-19, alguns pastores, profetas e sheikhs ao reproduzirem o discurso que evoca o pecado como a principal causa da doença podem concorrer, por um lado, para a promoção de atitudes de desobediência às regras de prevenção e com isso ao acelerar da propagação da pandemia e, por outro lado, podem potenciar ambientes de estigmatização contra cidadãos infectados com o novo coronavírus pois seriam vistos como pecadores.

Contudo, as lideranças religiosas nacionais, através de atitudes exemplares descritas acima, já demonstraram a sua capacidade de aliar discursos e práticas religiosas com racionalidades médico-sanitárias, o que abre uma via para a busca do equilíbrio entre a fé e as orientações científicas com vista a prevenção da COVID-19. A busca destes consensos entre a religião, a sociedade e as autoridades médicas e governamentais é de extrema importância no actual contexto visto que permite: 1) evitar situações que coloquem em causa a liberdade religiosa em todas as suas dimensões; 2) que as instituições religiosas consciencializadas no contexto da COVID-19 (ao exemplo da CIMO-Comunidade Islâmica de Moçambique e do CISLAMO - Conselho Islâmicos de Moçambique, Conselho Cristão de Moçambique e Igreja Metodista Unida de Moçambique) continuem elementos de extrema importância no combate a pandemia e outras calamidades; que as instituições religiosas encontrem uma via segura de continuar a desempenhar o seu importante papel na manutenção da moral e purificação espiritual e psicossocial neste momento crítico da nossa sociedade, evitando que o novo paradigma religioso defendido pelas igrejas pentecostais, baseado na prosperidade material não ponha em causa o valioso contributo das instituições religiosas na sociedade moçambicana, seja na formação da consciência nacionalista (CRUZ E SILVA, 1998) ou na procura da paz (CRUZ E SILVA, 2004).

A reabertura dos locais de cultos públicos foi autorizada num momento inapropriado no contexto social e sanitário, mas talvez seja o mais adequado do ponto de vista político. Apesar das promessas feitas pelas instituições religiosas e reconhecida responsabilidade de maior parte das lideranças religiosas, não existem garantias do cumprimento de todas as condições impostas pelo MJCR e mesmo cumprindo com grande parte dessas condições não há garantia de que se evite o contágio devido a natureza de alguns rituais. No entanto, ao autorizar a reabertura dos locais de culto, o governo moçambicano pode aproveitar o bom clima de relacionamento que existe com as instituições religiosas para convencer os líderes religiosos a tomar a dianteira na mobilização das comunidades em prol da luta contra a pandemia de COVID-19, que é a principal prioridade neste momento, mas em paralelo temos a discussão sobre a lei da liberdade religiosa e ainda a violência armada no norte do país que envolvem algumas comunidades religiosas.

Contudo, a reflexão sobre religião no contexto da COVID-19 não se esgota aqui num momento em que os índices de infecção continuam a aumentar. Portanto, é preciso continuar a aprofundar pesquisas sobre o tema, olhando principalmente sobre o impacto do estado de pública ora decretado assim como o relativo relaxamento das medidas de confinamento obrigatório.

## REFERÊNCIAS

ABDULA, M. T. Coronavírus: lições a tirar/ devemos ter medo? (Palestra proferida na Masjid al-Hidaia da Machava, 20 de Março de 2020).

AGÊNCIA LUSA. COVID-19. Quarenta Pessoas foram infectadas em celebração religiosa na Alemanha. Observador. Disponível em: <https://observador.pt/2020/05/23/COVID-19-quarenta-pessoas-foram-infetadas-em-celebracao-religiosa-na-alemanha/>. Acessado em: 23 de Maio de 2020.

AIÚBA, S. U, Coronavirus. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5T1wOKZhCf4>. Acessado em: 20 de Agosto de 2020.

ALMEIDA, R. e MONTERO, P. Trânsito religioso no Brasil. São Paulo em Perspectiva, v. 15, n.3, pp. 92-101, 2001.

ASSOCIATE PRESS. In pictures: Muslims around the world celebrate Eid al-Adha 2020, News 18, Disponível em: [news18.com/photogallery/india/in-pictures-muslims-around-the-world-celebrate-eid-al-adha-2020-2746985.html](https://news18.com/photogallery/india/in-pictures-muslims-around-the-world-celebrate-eid-al-adha-2020-2746985.html), 2020. Acessado em: 11 de Novembro de 2020.

ANDERSON, A.H. The Lakganyanes and prophecy in the Zion Christian Church. Journal of Religion in Africa, n. 29, n.3, pp. 285-312, 1999.

BATISTA, E. L. Igrejas perdem pastores e padres para COVID-19 e divergem sobre estratégia de reabertura. Amazonas Atual. Disponível em: <https://amazonasatual.com.br/igrejas-perdem-pastores-e-padres-para-covid-19-e-divergem-sobre-estrategias-de-reabertura/>. Publicado em: 22 de Julho de 2020. Acessado em: 7 de Abril de 2021.

BURKE, D. The Great Shutdown 2020: What churches, mosques and temples are doing to fight the spread of coronavirus. CNN. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2020/03/14/world/churches-mosques-temples-coronavirus-spread/index.html>. Acessado em: 14 de Março de 2020.

CHUNG, D. Evolutionary origin of religion and religions evolution: religions neurosociology. Journal of Behavioral and Brain Science, v. 8, pp. 485-511, 2018.

CONCEIÇÃO, L. COVID-19 muda rotina de cultos religiosos em Moçambique. DW-Made for Minds. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-002/COVID-19-muda-rotina-de-cultos-religiosos-em-mo%C3%A7ambique/a-52939761>. Acessado em: 10 de Julho de 2020.

CRUZ E SILVA, T. Educação, identidade e consciencia política: A Missão Suíça no Sul de Moçambique. Lusotopie, pp. 397-405, 1998.

\_\_\_\_\_, T. Identidade religiosa e construção de democracia em Moçambique: o caso da Igreja Metodista Unida de Moçambique. Travessias, v. 4/5, Lisboa: ICS, 2004. Pp. 251-268.

\_\_\_\_\_, T. Religião. In: SANSONE, L. e FURTADO, C. (org.), Dicionário Crítico das Ciências Sociais dos Países de Fala Oficial Portuguesa. Salvador: EDUFBA, 2014. Pp. 423-429.

DADDO, S. Como um evento Sionista de ‘diplomacia espiritual’ tornou-se foco do COVID-19 na África do Sul, MEMO – Monitoria do Oriente Médio. Disponível em: <https://www.monitordo Oriente.com/20200409-como-um-evento-sionista-de-diplomacia-espiritual-tornou-se-foco-do-COVID-19-na-africa-do-sul/>. Acessado em: 9 de Abril de 2020.

FARIA, L. M. Como o secretismo de uma seita ajudou a propagar o coronavírus: na Coreia do Sul, país onde abundam as seitas, o escândalo é apenas o mais recente de muitos”, *Expresso*. Disponível em: <https://expresso.pt/sociedade/2020-03-03-Como-o-secretismo-de-uma-seita-ajudou-a-propagar-o-coronavirus>. Acessado em: 7 de Abril de 2021.

FERNANDES, D. Coronavírus: o encontro religioso que acelerou as contaminações na França. BBC News Brasil. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-51858296>. Acesso em: 12 de março de 2020.

Profecias versus Coronavirus., Fred Jossias Show. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qyh15eW0N0k>. Acesso em: 28 de março de 2020.

GUIMARÃES, M. J. Política e Religião em tempo do novo coronavírus. Público. Disponível em: <https://www.publico.pt/2020/03/09/mundo/noticia/politica-religiao-tempo-novo-coronavirus-1907034>. Acesso em: 9 de Março de 2020.

HANNA, A. What Islamists are doing and saying on COVID-19 crisis. *Wilson Centre*. Disponível em: <https://www.wilsoncenter.org/article/what-islamists-are-doing-and-saying-2020-05-14>. Acesso em: 14 de Maio de 2020.

HARIDY, R. COVID-19 case studies: anatomy of three ‘super-spreader’ Clusters. New Atlas. Disponível em: <https://newatlas.com/health-wellbeing/covid19-case-studies-coronavirus-super-spreader-clusters-cdc-report/>. Acesso em: 20 de Julho de 2020.

HERNANDEZ, H. e SLAYDON, A. What are COVID-19 ‘super-spreaders’ and why are church choirs on the list? Click2Houston. Disponível em: <https://www.click2houston.com/health/2020/05/29/what-are-COVID-19-super-spreaders-and-why-are-church-choir-lofts-on-the-list/>. Acesso em: 25 de Julho de 2020.

INE. Resultados Definitivos. Cerimónia Central. Disponível em: [www.ine.gov.mz](http://www.ine.gov.mz). Acesso em: 29 de Abril de 2019.

JAQUETA, B. COVID-19: líderes religiosos detidos em Manica por cultos ilegais. DW-Made for Minds. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-002/covid-19-1-%C3%ADderes-religiosos-detidos-em-manica-por-cultos-ilegais/a-53211413>. Publicado em: 22 de Abril de 2020. Acessado em: 7 de Abril de 2021.

JAVED, N. Eid al-Adha 2020: Muslims around the World celebrate with family and feasts. Disponível em: [gulfnews.com/photos/news/eid-al-adha-2020-muslims-around-the world-](https://www.gulfnews.com/photos/news/eid-al-adha-2020-muslims-around-the-world)

celebrate-with-family-and-feasts-1.1596097632931?slide=1. Acesso em: 28 de Agosto de 2020.

JORNAL NOTÍCIAS, Por violação do Estado de Emergência: Tribunal da Beira condena proprietário da escola Islâmica. Disponível em: <https://jornalnoticias.co.mz/index.php/beira/97981-por-violacao-do-estado-de-emergencia-tribunal-da-beira-condena-proprietario-da-escola-islamica>. Publicado em: 23 de Julho de 2020. Acessado em: 07 de Abril de 2021.

JORNAL NOTÍCIAS. Conselho Islâmico apreensivo com desobediência dos crentes. Disponível em: <https://jornalnoticias.co.mz/index.php/capital/nampula/97174-conselho-islamico-apreensivo-com-desobediencia-dos-crentes>. Publicado em: 21 de Maio de 2020. Acessado em: 7 e Abril de 2021.

JORNAL NOTÍCIAS. Visão Mundial e Conselho Islâmico juntos na luta contra a COVID-19. Disponível em: <https://jornalnoticias.co.mz/index.php/politica/97506-visao-mundial-e-conselho-islamico-juntos-na-luta-contr-a-covid-19>. Publicado em: 12 de Junho de 2020. Acessado em: 7 de Abril de 2021.

JOSÉ, H. Moçambique: líderes religiosos pedem reabertura de igrejas em meio ao COVID-19. Vatican News. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/africa/news/2020-07/mocambique-lideres-religiosos-pedem-reabertura-de-igrejas-em-me.html>. Publicado em: 2 de Julho de 2020. Acessado em: 7 de Abril de 2021.

KIM, W. e DALRYMPLE, T. To cancel or not to cancel: that is the question: A statement from the leaders of the National Association of Evangelicals and Christianity Today. Christianity Today. Disponível em: <https://www.christianitytoday.com/ct/2020/march-web-only/walter-kim-nae-timothy-dalrymple-cancel-church-or-not.html>. Acesso em: 5 de Outubro de 2020.

KHAN, T. How families are celebrating Eid al-Adha this year: you can make the festival feel special for kids, without having to leave home. The New York Times. Disponível em: [nytimes.com/2020/07/31/parenting/eid-al-adha-families-coronavirus.html](https://www.nytimes.com/2020/07/31/parenting/eid-al-adha-families-coronavirus.html). Acesso em: 31 de Julho de 2020.

LISBOA, Orfeu. Cultos Religiosos Retomam em Moçambique com participação limitada. Rfi. Disponível em: <https://www.rfi.fr/pt/mo%C3%A7ambique/20200823-cultos-religiosos-retomam-em-mo%C3%A7ambique-com-participa%C3%A7%C3%A3o-limitada>. Acessado em: 23 de Agosto de 2020.

MACHADO, I. P. Ramadão em tempos de pandemia de COVID-19. RFI. Disponível em: <https://www.rfi.fr/pt/mundo/20200423-ramad%C3%A3o-em-tempos-de-pandemia-covid-19-1>. Publicado em: 23 de Abril de 2020. Acessado em: 7 de Abril de 2021.

MAXWELL, D. Delivered from the Spirit of poverty? Pentecostalism, prosperity and modernity in Zimbabwe. Journal of Religion in Africa, v. 28, n. 3, pp. 350-373, 1998.

MOÇAMBIQUE. MINISTÉRIO DE SAÚDE. Inquéritos Sero-Epidemiológicos de SARS-Cov-2. Disponíveis em: [www.misau.gov.mz](http://www.misau.gov.mz). Acesso em: 13 de Novembro de 2020.

CUTANE, O. Face ao coronavírus não tenha medo, busque a Deus: sermão do Apóstolo Onório. Disponível em: [youtube.com/watch?v=9Pi7Ew3pzVc](https://www.youtube.com/watch?v=9Pi7Ew3pzVc). Acesso em: 27 de Junho de 2020.

SHAREAMERICA. Grupos religiosos americanos combatem a COVID-19 em todo o mundo. ShareAmerica, 20 de maio de 2020. Disponível em: <https://share.america.gov/pt-br/grupos-religiosos-dos-eua-combatem-a-COVID-19-no-mundo-inteiro/>. Acesso em: 19 de Agosto de 2020.

PORTERFIELD, C. Church-related coronavirus outbreaks as Trump Pushes for reopening, Forbes. 2020. Disponível em: <https://www.forbes.com/sites/carlieporterfield/2020/05/23/church-related-coronavirus-outbreaks-reported-as-trump-pushes-for-reopening/#3ba90be73ba5>. Acesso em: 30 de Agosto de 2020.

URBAN, H. Politics and Religion: an overview. In: ELIADE, M. (ed.), Encyclopedia of Religion. 2.ed., Detroit: Macmillan, 2005. Pp. 7248-7260.

WOOD, C. and SHAVER, J.H. Religion Evolution and the Basis of Institutions: The institutional cognition model of religion. Evolutionary Studies in Imaginative Culture, v. 2, n.2, p. 1-20. 2018. Disponível em: [https://www.jstor.org/stable/10.26613/esic.2.2.89?seq=1&cid=pdf-reference#references\\_tab\\_contents](https://www.jstor.org/stable/10.26613/esic.2.2.89?seq=1&cid=pdf-reference#references_tab_contents).

Pre-print